



Jornal Notícias

06-06-2018

Periodicidade: Diário
Classe: Informação Geral
Âmbito: Nacional
Tiragem: 110603

Temática: Economia
Dimensão: 2368 cm²
Imagem: S/Cor
Página (s): 1/4 a 5

Contrafação destrói 16 mil empregos todos os anos

Falsificações dão rombo de mil milhões na economia 4 e 5

PRIMEIRO PLANO

Contrafação custa 98 euros a cada português todos os anos

Produtos contrafeitos fazem economia perder mil milhões e 16 441 empregos. Têxteis e remédios estão no topo do esquema da fraude



Fonte: EUIPO

Emília Monteiro
 economia@jn.pt

RELATÓRIO A contrafação é responsável pela perda de 16 441 empregos, todos os anos, em Portugal. A economia perde mais de mil milhões de euros, cerca de 98 euros por português. O fenómeno afeta produtos muito variados, desde o vestuário aos vinhos, passando pelos cosméticos e medicamentos. Os números foram divulgados ao JN pelo Instituto da Propriedade Intelectual da União Europeia (EUIPO) a propósito do Dia Mundial Anti-Contrafação, que hoje se comemora.

Por causa das imitações, há 13 setores (vestuário, calçado e acessórios, artigos de desporto, brinquedos e jogos, artigos de joalheria e relojoaria, malas de mão e de viagem, indústria discográfica, bebidas espirituosas e vinhos, produtos farmacêuticos, pesticidas, smartphones e baterias e pneus) que perdem, anualmente, 8,2% das vendas diretas em Portugal. As contas do organismo da União

Europeia têm por base a estimativa de produção que os fabricantes originais apresentaram. Com a contrafação, as empresas legítimas produzem menos e empregam menos pessoas. Há mais de 16 mil trabalhadores que anualmente ficam desempregados ou não conseguem trabalho porque as fábricas produzem menos e os consumidores adquirem, cada vez mais, produtos que não são originais.

EMPRESAS LEGÍTIMAS PERDEM

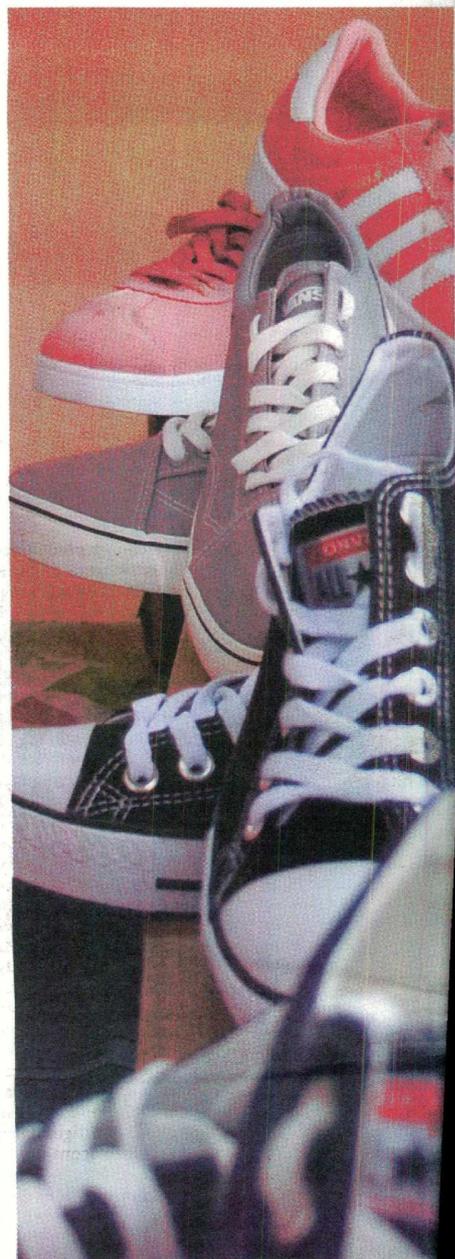
“A única coisa que a contrafação fomenta é a economia paralela, a fuga ao Fisco, os salários miseráveis e o trabalho clandestino”, disse ao JN um inspetor da Autoridade de Segurança Alimentar e Económica (ASAE).

No top cinco dos produtos mais contrafeitos está o vestuário, com uma perda de vendas de produtos originais que ronda os 342 milhões de euros. Os medicamentos, o número dois na lista, representam uma perda de 269 milhões de euros. Esta verba deixa de ser gasta em medicamentos originais

e passa a ser usada para comprar remédios para as mais variadas doenças em mercados paralelos que passam por compras através da Internet ou por grupos “especializados” na venda, por exemplo, de medicamentos para a perda de peso ou para melhorar a performance desportiva ou sexual. Os cosméticos apresentam uma perda de 129 milhões de euros, verba a que acrescem custos indeterminados em medicamentos para curar alergias e doenças de pele causados por batons e cremes “pirateados”. Smartphones, vinhos e bebidas espirituosas são os restantes “não originais” produzidos ou consumidos em Portugal.

Na União Europeia, as perdas anuais diretas sofridas em consequência da presença de produtos falsificados no mercado ascendem a 60 mil milhões de euros e a uma perda de 434 mil postos de trabalho. “Dispomos agora, pela primeira vez, de um quadro completo sobre o impacto económico da contrafação e da pirataria na economia e na criação de emprego na União Europeia, bem como informações sobre a forma como os direitos de propriedade intelectual são violados”, disse António Campinos, o espanhol que é diretor-executivo do EUIPO.

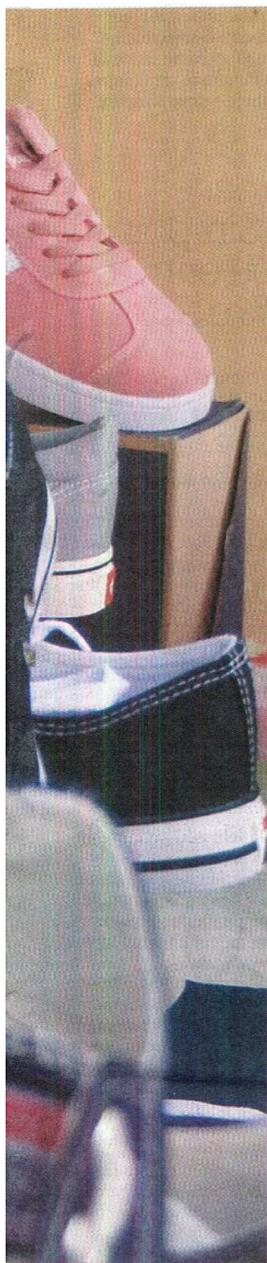
Mais e melhor fiscalização pelas entidades policiais e fiscais é a principal medida apontada para combater a contrafação. A aplicação de coimas e penas que podem passar pela prisão efetiva dos agentes que fomentam e comercializam produtos não originais é outra recomendação apresentada. “Podem fazer-se mil leis, mas se os consumidores não se recusarem a comprar produtos que sabem que não são originais, nenhuma medida resultará”, disse o inspetor da ASAE. ●



APRENSÕES

Emagrecimento e desempenho sexual dominam medicamentos

Em apenas sete dias, a Autoridade Nacional do Medicamento e Produtos de Saúde (Infarmed) e a Autoridade Tributária e Aduaneira (AT) impediram a entrada em Portugal de 6686 unidades de medicamentos contrafeitos, com um valor próximo dos 12 mil euros. A operação, realizada em setembro de 2017, permitiu verificar o elevado número de medicamentos comprados fora das farmácias, a maioria encomendado através da Internet. Suplementos para emagrecer e para a disfunção erétil estão no topo dos “remédios” apreendidos



“Portugal não é a feira de Custóias”



Paulo Vaz
 Diretor-geral
 da Associação
 Têxtil e Vestuário

Ficou surpreendido com os números da contrafação têxtil em Portugal?
 A contrafação não é um problema português nem europeu. É fruto de vários sistemas criados em alguns países do Extremo Oriente e que, depois, entram na Europa e também em Portugal. A contrafação enquanto réplica ou imitação de outros produtos resume-se a meia dúzia de casos esporádicos.

Os números do Instituto da Propriedade Intelectual da União Europeia dizem que a contrafação causa perdas de vendas no vestuário de 7,6%...

Não podem estar certos. São números exagerados. Portugal não é a feira de Custóias, Cerveira ou Caravelos. O que motiva o fabrico de réplicas é baixar o preço de artigos de luxo e isso não acontece cá. Os empresários devem estar vigilantes, mas, na verdade, este não é um problema prioritário.

Os têxteis e vestuário portugueses não são “contrafacionáveis”?

Há uma aposta enorme no design, na criação e registo de marcas e na inovação. É muito difícil fazer contrafação de produtos bem feitos.

E as marcas de luxo fabricadas em Portugal?

As marcas internacionais procuram Portugal porque confiam nos empresários nacionais e sabem que ninguém fará nada de mal.



← O mercado dos produtos contrafeitos ganhou uma nova dimensão com a venda nas redes sociais

Facebook está cheio de páginas com artigos “piratas”

Cópias de modelos de luxo ou de marcas conhecidas são vendidas a partir dos 25 euros

Reis Pinto
 rpinto@jn.pt

FACEBOOK A maior rede social do Mundo tornou-se terreno fértil para a venda de artigos de luxo contrafeitos e para burlas com produtos de marca que nunca chegam a ser enviados aos compradores ou, simplesmente, trocados por artigos de baixo valor.

A facilidade com que se criam páginas no Facebook, aliada à grande procura por artigos de marca, tem levado a que muitos vendedores “migrem” as suas bancas para o grande mercado virtual. As hipóteses de serem intercetados são mais remotas, o comprador recebe, por norma, um artigo visualmente semelhante ao original.

À cabeça deste negócio surgem os sapatos e o vestuário desportivo, seguido dos relógios e das carteiras de senhora. Mas, na verdade, quem compra por 25 ou 30 euros um par de sapatos desportivos que, em loja, custam o triplo, não pode esperar nem uma cópia fiel,

nem uma qualidade aproximada ao do modelo original. Sabendo da enorme apatência por artigos de marca e de luxo, também os burlões se têm aproveitado da ingenuidade dos compradores para vender gato por lebre ou para nem sequer vender.

VENDEM BEM

Não raras vezes, o comprador paga umas sapatilhas de marca e recebe, na volta do correio, um par de sapatos desportivos sem qualquer marca. Ou, deixando-se tentar por uma carteira de centenas de euros, prometida por poucas dezenas, depara-se com uma caixa cheia de papel ou nem chega a receber encomenda alguma.

Mas a verdade é que os produtos contrafeitos continuam a ser muito populares nas feiras do Norte ao Sul do país e as autoridades – PSP e GNR – apreendem semanalmente centenas de artigos, que vão dos óculos de sol aos relógios, passando pelas sapatilhas, t-shirts ou fatos de treino. ●

Os burlões mais famosos

50

euros

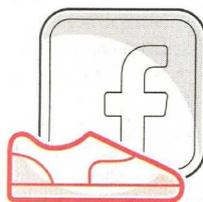
Com apenas 23 anos, Ana Maria, natural do Porto, já soma 17 condenações por burla, a última das quais em março último. A especialidade era a venda de sapatilhas pela Internet. A burlona recebia 50 euros, mas nunca enviava a encomenda.



4

milhões de euros

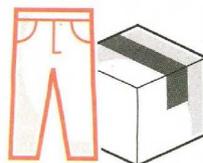
No mês passado, foi desmantelado um dos maiores grupos que se dedicavam à venda online. Duas dezenas de pessoas, na maioria cidadãos marroquinos, tinham páginas no Facebook para vender calçado de marca. A rede arrecadou quatro milhões de euros.



1,7

milhões de euros

Um casal de feirantes, Fernando Silva e Conceição Monteiro, arrecadou uma fortuna de 1,7 milhões de euros a vender artigos contrafeitos em feiras. Foram condenados, em Castelo Branco, a penas suspensas e a pagar às marcas indenizações.



↑ Instituto da Propriedade Intelectual da União Europeia diz que só agora há um retrato mais completo da contrafação